

No auditório com Georges Canguilhem: o que é a Psicologia?

*Janáina Madeira Brito*¹
*Maria Elizabeth Barros de Barros*²
Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: o artigo apresenta um debate feito por Georges Canguilhem no ensaio *O que é a Psicologia?* quando indica a (im) possibilidade de uma unificação entre psicologias que carregam diferentes ideias de homem, de formação, de cognição, desenvolvimento, saúde, socialização... Dirige-se para um debate sobre as particularidades da Psicologia como um campo epistêmico autônomo. O argumento foi encontrar no autor uma oportunidade para uma política da lembrança, que já se sabe perece. Traz essa clássica obra de Georges Canguilhem reconhecendo que a lembrança de um texto e o labor que imprime é ato de resistência numa sociedade que subtrai, sob o efeito da educação de massa, as chances de arriscar, fracassar, experimentar projetos onde a imaginação comparece em força. O artigo exercita ressonâncias imprevisíveis do evento passado, no hoje, marcado de aberturas.

Palavras-chave: Psicologia; Georges Canguilhem; gesto rememorativo.

¹ Psicóloga, psicanalista, pós-doutoranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional (PPGPSI-UFES) com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES).

² Psicóloga, professora titular do Departamento de Psicologia e dos Programas de Psicologia Institucional e de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

In the auditorium with Georges Canguilhem: what is Psychology?

Abstract: the article presents a debate made by Georges Canguilhem in the essay What is Psychology? when he indicates the (im) possibility of a unification among psychologies that carry different ideas of man, formation, cognition, development, health, socialization... It addresses a debate about the particularities of Psychology as an autonomous epistemic field. The argument was to find in the author an opportunity for a politics of remembrance, which is already known to be perennial. It brings back this classic work by Georges Canguilhem, recognizing that the remembrance of a text and the labor it imprints is an act of resistance in a society that subtracts, under the effect of mass education, the chances to risk, to fail, to experiment projects where imagination appears in force. The article exercises unpredictable resonances of the past event in today, marked by openings.

Keywords: Psychology; Georges Canguilhem; remembrance gesture.

En el auditorio con Georges Canguilhem: ¿qué es la Psicología?

Resumen: el artículo presenta un debate realizado por Georges Canguilhem en el ensayo ¿Qué es la Psicología? cuando indica la (im) posibilidad de una unificación entre psicologías que portan diferentes ideas de hombre, formación, cognición, desarrollo, salud, socialización... Avanza hacia un debate sobre las particularidades de la Psicología como campo epistémico autónomo. El argumento fue encontrar en el autor una oportunidad para una política del recuerdo, que ya se sabe perenne. Recupera este trabajo clásico de Georges Canguilhem, reconociendo que el recuerdo de un texto y de la obra que imprime es un acto de resistencia en una sociedad que sustrae, bajo el efecto de la educación de masas, las oportunidades de arriesgar, de fracasar, de experimentar proyectos donde la imaginación aparece con fuerza. El artículo ejerce resonancias imprevisibles del acontecimiento pasado en el hoy, marcado por aperturas.

Palabras clave: Psicología; Georges Canguilhem; gesto del recuerdo.

Há não muito tempo foi publicado um conjunto de estudos de história e filosofia das ciências trazendo um ensaio denominado O que é a Psicologia? – O texto resulta de uma fala realizada em 1956 onde Georges Canguilhem (1904-1995) trabalha o campo psicológico e tipifica as linhas estruturantes da ciência no debate acadêmico à época. A conferência do autor francês traz questões não saturadas para essa jovem disciplina das ciências humanas, nos coloca diante da sua fundação enquanto ciência autônoma e possibilita uma aproximação para repensar os eixos de saber-poder da tradição europeia moderna (GAGUILHEM, 2012).

O leitor na atualidade pode percorrer as vicissitudes históricas dos discursos psicológicos, ampliar este inacabado campo problemático, se valendo da diversidade de políticas de produção de conhecimento que constituem a Psicologia. Através do presente artigo, exercitamos construir uma política de memória no encontro com a Conferência de Canguilhem por meio da prática narrativa. Metodologicamente, trabalhamos o gesto rememorativo e a escrita-fragmento a fim de nuançar importantes questões teóricas invocadas pelo contemporâneo, com o apoio da filosofia, das cenas do cotidiano e de imagens capazes de interpelar politicamente a Psicologia de nosso tempo (BENJAMIN, 2004a, 2004a, 2004b; MATOS, 2010, 2007; AGAMBEN, 2007; GAGNEBIN, 2009, 2007; LARROSA, 2015; LOWY, 2005).

São complexas as problemáticas ético-políticas (e clínico-estéticas) na formação em Psicologia na atualidade brasileira. A presente política de escrita aposta que os encontros – inclusive o encontro com um texto clássico e histórico – podem indicar caminhos reflexivos na consolidação desta ciência e no fortalecimento da profissão. Considerando que, no contemporâneo, estamos diante de questões candentes, podendo pôr em análise (em plurais vias) as diferentes racionalidades coloniais que precisam ser abaladas junto aos lugares canônicos que as nutrem. Continuamos a construir uma Psicologia atenta, democrática, inclusiva... anti-totalitária e antifascista.

Espera-se que o presente artigo possa contribuir para a imaginação do leitor nesta direção, dar conta de que a vida quando não mantém sua promessa, dá-se mais. E neste veio, é que podemos nos inscrever, na fresta de luz cotidiana, criar as saídas singulares.

O Auditório (e outras distopias imaginadas)

A manhã estava ensolarada, e os corredores se insinuavam apertados na erótica dos encontros. Eles constituíam o espaço indiviso para a passagem dos corpos em movimento, o preparativo do trabalho desta escrita, neste caso, assumindo a Eingendeiken (GAGNEBIN, 2007) como urgência ética. A mesma que busca a dimensão coletiva e atuante da memória: ao rememorar, recompor, restaurar um trabalho feito na encruzilhada da atenção com a política de dizibilidade que se agita ali, nas imagens periféricas, com as topologias marginais e uma política de escrita nas pesquisas (BRITO e BARROS, 2021).

Este é o recurso discursivo de nossa imaginação de “fii de terra”, os filhos de terra como chamados na Umbanda brasileira. Imaginação tingida pelas forças do tempo e das existências. Um tipo de felicidade fugidia por termos podido entrar na conversa do passado, e nestes termos não configurará a idolatria do fato, não se trata de um passado essencial, tampouco precisa ser a história objetiva e progressiva. Talvez este texto se constitua em uma fábrica de imagens daquilo que já não é mais, no agora, no passado (AGAMBEN, 2007; MATOS, 2007).

Lembrar, repetir e elaborar são partições técnicas na atividade psicanalítica freudiana, também os tempos da experiência psíquica, pressupondo trabalho e travessias, processos capazes de perfazer uma ação, o que implica reconhecer bloqueios, sustentar as dificuldades passageiras e manejar, na paisagem, a inconstante ação involuntária do tempo (FREUD, 1914).

Naquele dia o anfiteatro repleto de interesses deu o início a um ano acadêmico qualquer. Era a experiência de formação em Psicologia. Um lastro prenhe de recordação no gesto rememorativo dos estudos. Os numerosos assentos se esgotavam já no primeiro quarto de hora. Entre os cadernos, os ruídos dos gravadores, o clique das canetas, escutamos as calorosas vozes que prefaciam o momento de encontro com aquele que acolhia a tese de Michel Foucault sobre a Loucura (ERIBON, 1990). Os olhos então passeiam e se fitam curiosos. Os corpos dançam, e dançam ainda mais a dança pública da Universidade desde que o tambor passou a bater alto. A conferência a ser proferida convida-nos a esta presença atenta e corpórea: era o ano de 1956 e Georges Canguilhem (1904-1995) intitula suas ideias, não em um sintagma de fácil assimilação, mas em uma espécie de Quaestio.

– Pois bem, Quaestio tem parentesco com um verbo latino, e denota o ato linguístico do querer, o gesto de procurar, implica o processo da busca.... No fim da Idade Média, com o nascimento das primeiras Universidades europeias, era também entendida como gênero retórico, uma prática pedagógica, um método, o procedimento com o pensamento e o exercício da razão. Hoje chamariam de lacração, um momento disparador que precisa funcionar tanto como trabalho pessoal, quanto como exposição partilhada por meio do qual se encontra os temas, as causas, razões, uma exposição, algumas sínteses. Ao se fazer a quaestio, o momento comporta a preparação para incendiar a produção de um saber, criar a possibilidade conjuntiva de comparecer os movimentos de diferença e de constituição de partilha. Espécie de encontro intensivo, e serve para dar passagem ao uso livre da palavra (DUNKER, 2021).

Isso, após reconhecermos “o destino determinante da transitoriedade”, a ‘caducidade de toda beleza e perfeição’, lutando contra o desejo exigente de eternidade presente na “duração absoluta do tempo” (FREUD, 2021b).

Canguilhem dispara uma quaestio naquele dezembro do Collège philosophique. Se utiliza do método histórico de filiação aos trabalhos de Gaston Bachelard (1884-1962) para lançar a provocação – O que é a Psicologia? – E assim conjectura:

[Seria a Psicologia uma] Filosofia sem rigor, porque eclética sob pretexto de objetividade; ética sem exigência, porque associando experiências etológicas, elas mesmas sem crítica, a do confessor, a do educador, a do chefe, a do juiz etc. (CANGUILHEM, 2012: 402)

Na paisagem moderna e desde o momento cartesiano (DUNKER, 2021; FOUCAULT, 2010; MATOS, 2010) conforme demarcam os paradigmas eurocêntricos, uma série de experiências entre o sujeito e a condição da verdade se dilui para que a ciência moderna impere. Discurso que se demonstra através da clareza do objeto que delinea; através da precisão do método de produção de conhecimento que empreende, logo, pela intenção implicada (e neutra) do sujeito que pesquisa. Pensar a Psicologia deste projeto de modernidade científica e colonial (MIGNOLO, 2017) constitui sempre um desafio. Assim, prossegue conjecturando o filósofo francês:

[Seria a Psicologia uma] Medicina sem controle, visto que das três espécies de doenças mais ininteligíveis e menos curáveis, doenças da pele, doença dos nervos e doenças mentais, o estudo e o tratamento das duas últimas fornecem sempre à psicologia observações e hipóteses. (CANGUILHEM, 2012: 402)

A Psicologia na Europa se funda nestas três direções (de uma filosofia, uma ética e a medicina), o que alimentará a história vindoura. Já na primeira seção do clássico, o leitor pode confirmar que a Psicologia prossegue vertiginosamente enquanto disciplina científica. Para Canguilhem (2012), resta um horizonte de preocupações, que advém da constituição da ciência psicológica resultando de um empirismo compósito, e neste caso, que serve à fins de ensino, mas gera importantes efeitos práticos no campo social, conforme se observa ainda hoje.

Era uma profusão de ideias, e um vigor europeu nascente. Os anos de 1950 francês circundam debates sobre o fundamento antropológico das ciências humanas; indagam o princípio lógico interno à Psicologia e uma possível unidade de entendimento para este campo epistêmico. Se problematizava ainda sobre as práticas que tanto podem confundir sobre o que faz um Psicólogo, caso se isente de um trabalho de implicação que aborde o que é a Psicologia, a cada tempo e em cada territorialidade político-cultural. Muitas questões são abertas: Tornaria factível responder o que é a Psicologia sem se perguntar sobre quem é, e o que faz o psicólogo? Ou ainda, existiria um único estatuto epistemológico para a Psicologia? (MIOTTO, 2019). Canguilhem prossegue:

A psicologia não pode, para se definir, prejudicar o que ela é chamada a julgar. Sem o que, é inevitável que, propondo-se ela própria como teoria geral da conduta, a psicologia faça sua alguma ideia de homem. É preciso, então, permitir a filosofia perguntar à psicologia de onde ela retira essa ideia, e se não seria, no fundo, de alguma filosofia. (2012: 403)

A Psicologia entendida como uma ciência que ousa pensar o ser vivo, o ser constituído mental e corporalmente a partir de projetos teóricos variados, na gênese encontra-se com a filosofia e suas bases hermenêuticas; pragmáticas e éticas, de modo que cada psicologia é convidada a demonstrar a antropologia que a funda (LAGACHE, 1978). Para nós, a possibilidade de caminhar em meio as matrizes do pensamento psicológico, perpassa os modos de subjetivação empreendidos em cada saber-fazer, e pergunta sobre as implicações dos projetos que a psicologia sustenta. Isso, considerando que “As matrizes são geradoras; elas são fontes, elas instauram os campos de teorização e de ação possíveis, elas inauguram as histórias das psicologias” e, portanto, estabelecem certos territórios por onde se pode movimentar a formação do Psicólogo (FIGUEIREDO, 2015: 24).

Um diálogo ruidoso feito com os autores anima a fala de Canguilhem naquele momento, era a presença discreta do professor Daniel Lagache (1978) no acalorado auditório de 1956. Tradição que funda a Psicologia francesa. Kurt Lewin,

Pierre Janet, René Spitz, Jean Paul Sartre são interlocutores deste que fora professor de Michel Foucault e orientador de Laplanche e Pontalis, no difundido Vocabulário de Psicanálise. Neste novo, Psicanálise, Psicologia Geral e Psicologia Social são fios que tecem momentos-chaves da Conferência de Canguilhem (ERIBON, 1990).

Fundamental na Psicologia desta linhagem está a obra *A Unidade da Psicologia*, que é publicada no ano de 1949 com estrondoso efeito. Quando a conduta humana é assumida e se concerne como o objeto privilegiado da Psicologia científica. Os problemas psicológicos são localizados num campo plural. As posições teóricas e metodológicas já eram reconhecidas em uma transdisciplinariedade intrínseca. Neste contexto, nasce a Psicologia articulada a partir de dois caminhos estruturais, o primeiro, deriva a Psicologia Experimental; o segundo, desdobra uma Psicologia Clínica. Nos termos da época, o caminho da psicologia naturalista realizada no laboratório e o outro de uma psicologia humanista praticada nas clínicas, hospitais e institutos. Uma linhagem da Psicologia é o lugar da métrica (CANGUILHEM, 2012), a outra do cuidado de si (FOUCAULT, 2010). Estas derivas, muito mais do que formas duais e concorrentes, são momentos na História das Ideias de um complexo movimento dialético. É neste jogo que pesquisas sobre o indivíduo/sujeito/organismo... e sua relação com o meio/condição exógena pensa as relações, o outro, a sociedade, a cidade, a política (LAGACHE, 1978). Esta é uma história meio a contrapelo (BENJAMIN, 1994c).

Naquele dia, uma sutil ironia canguilhemiana toca a ideia pacificada (CANGUILHEM, 2012) na proposição de Daniel Lagache. É pacificador pensar em termos de um saber natural e humano como saída da dicotomia estabelecida de uma Psicologia natural ou humana. Desdobrar do referido impasse inúmeras estratégias de composição interna ao campo psicológico; a factível ou não aliança entre os eixos disciplinares antagônicos; a desejável ou não interdisciplinaridade com a Medicina, a Filosofia, as Ciências Sociais. Passa a ser então fundamental, pensar quando e como se procede os arranjos interdisciplinares na Psicopatologia, na Neuropsicologia, na Psicopedagogia, na Psicossociologia. Sobretudo, passa a ser premente entender que tipo de finalidade uma Psicologia é capaz: emancipar, classificar, metrificar, cuidar.

São muitas questões não esgotadas, e disparadoras desde a conferência de 1956. No presente artigo, digamos que elas se configuram como reflexões inacabadas e, por isso mesmo, se emprestam à atividade da narração – *Erzählung*, como um processo capaz de escrever o fluxo da lembrança no refluxo inegociável do esquecimento (GAGNEBIN, 1994). Trazemos aqui uma prática de escrita acadêmica que opera com as forças das histórias, conferindo valor à dimensão restauradora que se processa na atenção às distintas realidades presentes no tempo (MATOS, 2007).

Para isso, exercitamos o procedimento de contar o presente, através do encontro com o passado no gesto rememorativo, percorrendo o ponto onde dormitam contribuições para a compreensão dos impasses de nossa época.

É uma aposta nos encontros. Um certo modo de passear lado-a-lado com os autores, obras, teorias – lembrando à maneira freudiana quando esteve no encontro com a estética e a amizade. O encontro lembrando aqui, é vivido pelo neurologista inventor da Psicanálise, Sigmund Freud (1956-1939). Momento que se tornou possível movimentar-se na “florescente paisagem de verão”. A cena lembrada foi vivida um ano antes da I Grande Guerra, transformada no supramencionado ensaio de 1916 e retrata a metodologia de um passeio que nos relança à transitoriedade da vida. As presenças faiscadas no relampejo das linhas do ensaio

era a de Rainer Maria Rilke (o poeta) e também de Lous Andreas Salomé (a amizade). Encontros e imagens que servem para produzir as perlaborações do pós-guerra europeu (FREUD, 1916).

Há pouco menos de duas décadas, os franceses retomaram o debate canguilhemiano. Não se lembra o horário, nem se conhece o clima do dia, ou da noite, mas era o ano de 2004. As vozes que estrondam ruidosas são de Jacqueline Carroy e Régine Plas (2008). O nosso passeio ocorre em mais um dia de auditório. É o movimentado terreiro educativo onde o trabalho acadêmico em torno do falar, escutar, conversar, ler, escrever, produz movimentos, reposicionamentos, ressonâncias imagéticas como prática narrativa (LAROSSA, 2015; BENJAMIM, 1994a).

Um tipo de acesso à história por meio da experiência em seu sentido forte e substancial. Experiência que aponta para tradição compartilhada em um campo de saberes e práticas. Experiência de história da Psicologia que, ao poder ser lembrada, já se faz transformada, atualizada, transmissível quando colocada em tentativa vertiginosa do ato de contar. É vertiginosa pois implica a aventura do impossível. Neste caso, não se retrata qualquer fato em sua pureza de objetividade (BENJAMIN, 1994b).

Com isso, o gesto rememorativo traz uma força intraduzível. Espaço da fecundidade, de oferta à vida, de olhar que se distancia da morte fitando-a. Lugar onde caminha a vida funâmbula quando o pessoal e o impessoal se roçam. Uma espécie de força hesitante que nos impulsiona a contar histórias de condições particulares que se transcendem. Sem identidades perenes, sem reconhecimento ilusório. Mais ainda assim, a reconstituição de rostos, corpos, presenças, e a reverberação mágica de nossas atacadas mitologias. No caso da filosofia benjaminiana “é desejo obstinado de não ser reconhecido”. No caso do poeta, é quando “celebra seu triunfo” de apagamento do eu. Enquanto a criança trepida em seu esconderijo lancinante, e protegido (AGAMBEN, 2007).

Acontece esta Jornada Científica no Centro Georges Canguilhem. Dizê-la como acontecimento na escrita de um artigo tempo depois só pode ser um trabalho da memória, uma maneira de articular passado e presente, exercitar a dimensão ficcional das ciências e o uso das palavras na recomposição dos fatos. Portanto, um trabalho indicativo, que não totaliza os signos. O ano 2004 e a Jornada Científica de Paris VII deixam rastros, e “o rastro inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente. Sua fragilidade essencial e intrínseca contraria assim o desejo de plenitude” (GAGNEBIN, 2009: 44).

São as forças da transitoriedade (FREUD, 2021b) deixando suas marcas com os auditórios carregados de imagens instantâneas da realidade cotidiana. Marcas nas vicissitudes da memória preparada para fugir em seu apagamento, eis o trabalho que se desdobra como ação política sobre os textos, fazer de um detalhe a grandeza do momento que está prestes a desaparecer. E quando a Psicologia pode estar comprometida com um tipo de ação política amparada pelo tempo flechado em todas as direções. Tempo da oportunidade. Tempo presente simultâneo ao abre caminhos futuros (MATOS, 2007).

Neste caso, é possível estar atento aos nomes, lugares, processos, filiações... as composições e os encontros em torno da Psicologia, pois eles nos relançam ao futuro.

Jaqueline Carroy e Régine Plas (2008) abordavam os discursos da Psicologia frente às culturas científicas de uma época, e vitalizam o clássico de Canguilhem naquele encontro renovador de espíritos. A Universidade Paris-Diderot se perguntou o que é a Psicologia na primeira década dos anos 2000, as institucionalidades, as marcas na pesquisa e no ensino. O professor Daniel Lagache é novamente lembrado para falar da importância de ter tido o nascimento de uma Psicologia Clínica no amparo dos efeitos nefastos do pós-guerra europeu. Este fora mais um evento celebrativo em torno do nome de Georges Canguilhem e da lembrança do Laboratório francês de Psicologia Social, criado em 1951 Um espaço onde germinariam formações de clínica e da psicopatologia de forma associada às políticas sociais. Neste auditório, conversa-se com Pierre Janet, Alfred Binet, Henri Bergson, entre outras portas de entrada na conferência de 1956. Entre nós, o celebrado texto foi publicado em 1972, no periódico denominado Tempo Brasileiro (ALBERTI, 2004).

Se lembrar o passado (um texto, um autor, uma voz, um debate) remete à ética de uma ação presente, resguardando o trabalho necessário a partir da história, e diante do efeito ético-político das sociedades pós-autoritárias (GAGNEBIN, 2009), foi o professor da Universidade de São João del-Rei (Minas Gerais, Brasil) quem assim percebeu. Dener Luiz da Silva traduziu o trabalho exposto pelas francesas que atualizam a mensagem canguilhemiana e a crítica ao antipsicologismo tão presente na década de 1960 [com Jaques Lacan, Michel Foucault, Georges Canguilhem].

O texto de 1956 traz, portanto, um debate em aberto, “caminho para uma crítica da psicologia”, segundo as autoras, crítica escrita no punho “moralista e panfletário” do filósofo da ciência francês (CARROY e PLAS, 2008: 30). História do conceito-Psicologia. As trilhas canguilhemianas. A ciência como efeito das empirias psicológicas que movimenta ao longo de sua história. Neste caminho, cabe ainda um contínuo esforço de mostrar os efeitos distintos – epistêmicos, éticos e políticos que a Psicologia carrega em meio a diversidade de projetos teóricos que a configura. Menos, o domínio “exato”. Mais, a forma como cada “problema em psicologia” estabelece determinada consciência teórica interna à linhagem disciplinar que pertence. Linhagens e não a universalização de uma abstração chamada Psicologia europeia. Teorizações e práticas encarnadas em torno dos tradicionais objetos da ciência psicológica, lá ou aqui, isso significou a cognição, a linguagem, as relações, o comportamento, o desenvolvimento, as paixões... o homem (CANGUILHEM, 2012; PRADO FILHO e MARTINS, 2007; MANCEBO, 2003).

Em se tratando da Psicologia no Brasil, seu campo de pesquisa e sua diversidade como prática profissional, a memória fará seu trabalho singular, territorial, contingente. Em termos de formação, a memória fagulha um perigo ético-político quando, no nosso cenário atual, é preciso suspeitar do fascínio exercido pelas máquinhas e outras desumanidades. Processos formativos que se banalizam perturbando a formação crítica. É preciso não contribuir com a proliferação dos autômatos; não formar os conformistas; continuar acendendo as centelhas dialéticas de nossas lutas, as mais cotidianas, infames e atualmente ameaçadas (LOWY, 2005). A imagem do auditório insiste. Ele pergunta como cuidar de uma história com a Psicologia ao constituir suas culturas, ensejos intelectuais, institucionais e práticos (CARROY e PLAS, 2008), mas de modo que contribuam nos debates não adaptados ao nosso tempo de barbárie.

Jetztzeit – é o tempo-de-agora na filosofia benjaminiana. São instantes raros que possibilitariam dialeticamente a interrupção da história única, conformada,

indivisa. Interrompe o fluxo banalizado pelo tempo da violência das formas totalizadoras. O Brasil interpela a Psicologia frente às violências universalizadas: seja dos discursos, seja no encrostar dos corpos e espaços simbólicos (BENJAMIM, 1994c).

A conferência de 1956 se insere na discussão francesa daquela década, quando Canguilhem (2012) usa da história teleológica para tipificar as linhas estruturantes do movimento filosófico e epistemológico ocidental moderno, logo, sob égide eurocêntrica. Hoje, em meio à efervescência do debate sobre o fortalecimento do pensamento e da ação descoloniais, tais linhas possibilitam reconhecer os diferentes projetos de ciência internos à Psicologia, desenhando qual organização do espaço, qual linguagem, imaginário social e sistema de veredicação que empreendem (MIGNOLO, 2016).

Não esquecer que as lógicas renascentistas e modernas se engenharam no colonialismo. No tráfico de africanos como condição de sustentação da soberania dos Estados europeus. Enquanto a ideia de progresso se alimentava da livre ação legitimada na ocupação territorial das Américas e do Caribe. Esses são laços modernos do fetichismo científico com uma economia agressiva, reprodutores dos inúmeros epistemicídios conforme permitem pensar autores de tradição dialética (MIGNOLO, 2016; MATOS, 2010 e 2007; LOWY, 2005; BENJAMIN, 1994c).

Na formação de Psicólogos, reencontrar Canguilhem é a lembrança de um exercício e uma possível sistemática para o campo Psicológico, onde a Psicologia se vê confrontada: seu presente em (des)continuidade com seu passado; suas linhas disciplinares servindo como instrumental contra a perpetuação da barbárie; a crítica podendo se reencarnar no desenvolvimento técnico à serviço da sociedade – mas não do fascismo, tampouco da linguagem da opressão, da exploração e das inúmeras teorias instrumentais da dominação. Tão alienantes em relação à cultura, tão alienadoras nos processos de subjetivação.

Canguilhem pensou a Psicologia enquanto (I) Ciência Natural; (II) Ciência da Subjetividade e (III) Ciência das Reações e do Comportamento.

Como Ciência Natural, a Psicologia se constituiu como uma parafísica. Quer dizer aquela que foi herança da alma/corpo natural aristotélico; a alma como um objeto natural onde a metafísica, a física e a lógica realizariam a investigação. Na Modernidade, a alma se torna corpo material, vivo e organizado a partir da regência soberana da fisiologia. O saber psi neste caso se baseia na neurofisiologia, na psiconeurologia, na psicoendocrinologia e na psicopatologia. Com isso, o privilégio do cérebro como órgão dos sentidos interiores (fantasia, memória) e exteriores (tato, visão, audição) torna-se por excelência o lugar da sensação e do movimento, o cérebro como sede da alma.

O segundo projeto de Psicologia seria apresentado como uma Ciência da Subjetividade. Neste universo haverá grande espectro de referências, argumentos e debates. Aqui, o autor elucida três proposituras diferenciadas, que se darão em torno do sujeito pensante; o sujeito da experiência e do sujeito na relação com conhecimento. Nesta sistemática mais variada, e certamente mais complexa, a Psicologia se apresentaria como:

(I) Física do sentido externo, onde projetos de psicofísicas são imbuídos da analítica experimental e matemática. Teremos aqui toda uma influência das racionalidades mecânicas na Psicologia; na validação quantitativa enquanto método

privilegiado; a valorização do cálculo da experiência psicológica como modalidade de verdade e instrumental da realidade (as psicometrias).

(II) Ciência do sentido interno, incluiriam aquelas psicologias de dimensões também empíricas e racionais, que querem dar consistência substancializada a um si, a um espírito, a um sujeito pensante. Ver-se-á desdobrar nesta linha toda uma ciência do eu, que dá lugar para métodos ligados à introspecção e a percepção de si (as psicologias clínicas).

(III) Ciência do sentido íntimo, aquela que através das relações físico-morais tenta dar conta do que é mais abissal na vida humana, seu campo irracional, quer dizer os lugares intangíveis da condição humana. A exemplo dos campos teóricos que emergiram das psicanálises e dos saberes inconscientes (o pulsional; o coletivo; lógico; maquínico; institucional).

A tipificação é ilustrativa. Mais do que uma natureza do passado da Psicologia, ela nos traz aspectos dos contextos vindouros. Mostra-nos como certo efeito da racionalidade moderna mitigou uma História da Psicologia em tantas ramificações, dependentes dos debates e das biografias; das condições sociais e políticas de sua difusão. Diríamos que cada discurso/prática psi é maquinado nestas linhas argumentativas de Canguilhem, e nisso, mobilizam um jogo de transformações especificadas que se articulam no tempo e que produzem assimetrias que podem ser colocadas sob julgo reflexivo. São produtoras de relações multicêntricas e difusas. Destotalizam a tentativa de absolutizar o campo, e por isso mesmo, exige prudência nas nossas formulações críticas (FOUCAULT, 1979).

Canguilhem (2012) conclui sua tipificação abordando já em 1956 a promissora Ciência das Reações e do Comportamento. Com ela, a ausência de um projeto instaurador e, segundo o autor, a ausência de contrasensos filosóficos moderando os efeitos do poder epistêmico. O resultado consiste nas formas que se proliferaram no empirismo, no funcionalismo e no utilitarismo – acompanhando o desenrolar da economia global. Cresce o desenlace em relação às circunstâncias históricas e os meios sociais das experiências psicológicas, justificado na mecânica do objeto da investigação e da aplicação técnica.

É neste momento que constata Canguilhem: “O psicólogo quer ser somente um instrumento, sem procurar saber de quem ou de quê ele é instrumento” (2012: 414). Com esse apontamento, o autor desloca a pergunta epistemológica inicial O que é a Psicologia? para construir uma provocação ética ao final do texto. A inquietação filosófica que move todo o caminho do ensaio recoloca-se no momento derradeiro da sua argumentação. Questões ficam em aberto, traduzem o procedimento deste filósofo das ciências, convocam às inacabadas (re)leituras: “Aonde querem chegar os psicólogos fazendo o que fazem? Em nome de que eles se instruíram psicólogos?” E ainda insiste: “Se os psicólogos são orientadores, quem orienta os orientadores? É exatamente neste instante que entendemos a conferência renovando a dimensão implicacional das Psicologias; convoca os testemunhos de experiências de trabalho em seu nome; inquire sobre quais alianças interdisciplinares e transculturais precisam se forjar em uma constante análise de implicação (LOURAU, 2004) para perspectivar uma construção vindoura que seja mais crítica e atualizada em sua tratativa descolonial da científica moderna. Georges Canguilhem tinha uma preocupação latente: não nos reduzir a uma “massa de sujeitos” movidos pela reprodução da “elite corporativa” determinando a direção do fazer do Psicólogo. Quer dizer, evidenciar a Psicologia sempre no ponto da encruzilhada ético-filosófica. Segundo o autor, com a Psicologia, ou se caminha em direção a grandes projetos ou na direção dos perigos que representam os xilindrós inventados pelos especialistas.

O valor da Conferência realizada por Georges Canguilhem no Collège philosophique em 18 de dezembro de 1956 se insere no caminho teleológico que apresenta, na tipificação das Psicologias que constrói e na sua dimensão de acontecimento para pensar uma formação. Neste caso, na prática narrativa. Como demonstramos, através do gesto rememorativo, e da aposta de trabalho com as palavras em seu efeito de nome (indeterminação, se na perspectiva da tradição Greco-Romana) e de verbo (determinado, conforme tradição Judaico-Cristã). De todo modo, a possibilidade de constituir práticas narrativas que dialetizem a ação, a disposição e nossas escolhas (DUNKER, 2021).

Esta é uma formulação para o nosso mal-estar na cultura (FREUD, 2021c). Com as suas saídas possíveis. Abrindo caminhos, como aquele que arranha o que enfatizou o filósofo da Educação espanhol, Jorge Larrosa (2015) – ao ter lido o clássico de Walter Benjamin: *Experiência e Pobreza*, de 1933.

Na ocasião, um filósofo interessado na formação de sujeitos críticos. Quando escreve as frases complexificadas pela banalidade que apresentam: “A cada dia se passam muitas coisas, mas quase nada nos acontece”; “a informação não é experiência”; “a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça” (BENJAMIN, 1993: 18-20). Larrosa (2015) argumenta: “E o fato de o periodismo destruir a experiência é algo mais profundo e mais geral do que aquilo que derivaria do efeito dos meios de comunicação de massas sobre a conformação de nossas consciências” (LAROSSA, 2015: 21). Ao longo dos fragmentos textuais trazidos, nos encontramos justamente com o valor das palavras e de uma experiência. O encontro com um acontecimento capaz de implodir a geografia, por isso as palavras de Larrosa (2015) tem a força suficiente para relançar os nossos corpos no tempo, no espaço, nas culturas e suas paisagens significativas.

Era uma tarde. Na semana que antecede os festejos do 23 de Abril para as tradições de religiões afro-brasileiras. Diremos do que se passaria entre nós como um ato de interrupção temporal, descontinuidade e uma oportunidade. O último dia de auditório presente neste artigo. Mais uma vez a voz ruidosa vinda de professoras. Uma conversa na micropolítica da formação pelos espaços universitários. A presença transmissível, repetindo o passeio lado-a-lado, os corredores, a amizade. Lembrança do momento caloroso da cantina, do café barato, um pão com ovo partilhado para dispor o desejo no pensamento e no discurso. Naquele momento, os preparativos da ação trepidavam o corpo e a experiência docente. Uma formação ético-política pensada e marcada pela presença de histórias. O encontro de gerações. A vivacidade de uma moribunda em seu processo de cura da brutal doença. Felicidades e ironias do destino. O efeito de formação, e certa disposição à reversão, disponibilidade de produzir desdobramentos outros para a relação que se estabelece com a verdade. Tomamos este, como um momento de retrabalho dos fascismos que rondam nossos espíritos e cotidianidades (FOUCAULT, 1996).

Neste dia, os atuais processos formativos ficam sob o regime da atenção, do alarde, do jogo terrorista. Na tarde, se passa uma espécie de perigosa agitação dispersiva. Uma Universidade. O auditório gritando vazio. O alarde que foi gerado mais uma vez pela notícia da violência territorial, propagada. Medo. Susto. Insegurança. Incertezas.

É outono no Brasil. Os professores: gritam, presente! A espera dos jovens para o rito de passagem à vida universitária. Na celebração, o momento se restaura na presença ativa das memórias coletivizadas de um curso e de sua Decana. Ela insiste. Resistências estão presente. É quando a lembrança (das lutas democráticas) passam por ali, e sopram o perigo de desaparecimento. Era o momento da Aula Inaugural na graduação de Psicologia de uma Universidade Federal de ensino que – apenas naquele dia, não pôde se experimentar aula.

Educar neste instante é atividade impossível – lembrança do Sigmund Freud (1925) aludida ao prefaciando o livro de Aichhorn sobre o trabalho institucional com jovens desamparados. Embora, saibamos, que no mesmo fragmento, o psicanalista aponte que a singularidade deste trabalho é continuar a “orientar”, a “assistir”, a “proteger” determinado caminho.

Do auditório esvaziado pelos calouros da formação em Psicologia, encontramos o mundo contemporâneo, e sua relação com os “ritos sem iniciação”. Encontros sem aderência. O afã das massas em se aderirem diante do insuportável. Satisfação a qualquer custo. Ausência de racionalidade codificável. Mundo que artificializa infinitamente a gramática valorativa das relações, instrumentaliza os corpos para deslizarem lisos pelo planner ou pelas telas de WhatsApp (MATOS, 2010). Menos comunicação, mais feitiço capitalista. Menos encontro, mais consumo de informação não perlaborada. Ali mesmo, Lorrosa insiste: “Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece” (LAROSSA, 2015: 22).

Age, a fascinante gestão do medo reentrante nos territórios brasileiros deste 2023.

Gerando uma mobilização por disjunção corrosiva. Esvaziamento dos espaços e encontros afetivos (trans)formadores. Em detrimento do auditório, dissipase as políticas de gestão do sofrimento através da propaganda de ameaça. Enquanto isso, agudiza-se os ataques miscíveis à Educação e aprimora-se a eficiência e o uso odioso das armas.

Barbárie noticiada como mais uma periódica notícia. Por isso o tempo-de- agora é das lutas dialéticas. Se apresentam para o trabalho dos Psicólogos (inclusive os graduandos) essas faces do Estado neoliberal que devora as ciências, os discursos e os modos de vida. Na promoção da anomia como força ostensiva. O permanente estado de crises. O cotidiano saqueado na produção incessante de instabilidade. Como estratégia deste poder de Estado, avança a despolitização da sociedade, e como tática amplia-se a criminalização de seus conflitos. Pelos corredores amplos e vazios, alardeiam-se as formas de sofrimento nomeadas, narrativizadas, esculpidas pela navalha fina do neoliberalismo, enquanto a propagação da insegurança evoca o desamparo humano. Esta atualidade nos apresentam os afetos e experiências psíquicas circulando como valiosos ativos comerciais (SAFATLE *et al.*, 2022).

A Psicanálise diria que os sujeitos conhecem sua desproteção, por isso se esforçam para preservar a sensação de eternidade. A busca do prazer incessante. Criam subterfúgios, produzem defesas, negacionismos, investem nas certas realizações. Uma Economia pulsional da felicidade. Neste caso, reconhecer o mal-estar não é um plano solipsista. É preciso proteger-se da moção inexorável e agressiva do humano. “A Psicologia individual é também, de início, simultaneamente psicologia social” (FREUD, 2021c: 137), já diria Freud, também no efeito do pós-Guerra. Apostar nos encontros é estratégia clínico-política. Por isso, este artigo conclui seu caminho reafirmando a Psicologia capaz de conversar com a

filosofia. Os autores conversando com os outros continentes. Os alunos se encontrando com seus professores. Uma possibilidade de reiterar a perspectiva de um problema que convoca cada vez mais no âmbito da formação: pensarmos os encontros secretos entre gerações passadas e as atuais, que só se reconhecerão através dos patuás mudos, neste caso, quando um acontecimento individual ganha extensão inimaginável, a ponto de reconhecermos suas vociferações gaguejantes (MATOS, 2007).

Produzir daí nossas reflexões sobre a vida. Seguindo apostando nessas histórias interrompidas, fragmentadas, inconclusas, porque abertas às composições de um por vir. Através das memórias, das mensagens transmitidas de boca a boca; construídas lado-a-lado, para nos fazer de instrumentos (respondendo à pergunta de Canguilhem). Neste caso instrumentos de uma experiência com a Psicologia. Instrumento que quebra as brutalidades cotidianas com a sabedoria que se quebra ondas no mar. Instrumento que procede a diagnóstica do contemporâneo (DUNKER, 2015) para nos auxiliar nessas travessias, e em tantas outras derivas do desconhecido. Defendendo, portanto, uma *psicologia-barco*, como inspira pensar o fragmento de Walter Benjamin, recém-publicado no periódico *Margem Esquerda* 35, em 2020, cujo dossiê tratou do tema Valor. O fragmento foi publicado junto com uma poesia de Eduardo Galeano.

Como o barco foi inventado e porque se chama Barco?

Antes de todos os outros homens, existia um que se chamava Barco. Era o primeiro homem, porque, antes dele, só havia o anjo que descera do céu e se metamorfoseara em homem, mas essa é uma outra história.

O homem barco queria navegar sobre a água – outrora, havia mais água de que hoje, é preciso que você saiba. Ele amarrou tábuas com cordas, uma tábua cumprida na sua barriga – era a quilha. E ele pegou uma tampa pontuda de tábua, que, quando colocada na água, ficava na frente – era a proa. E, atrás, esticou uma perna, e assim fazia o leme. Ele então entrou na água e remou com os braços, traçando seu curso com a tampa da tábua, que era pontiaguda e por isso quebrava as ondas com muita facilidade. Eis o que ocorrera: o homem Barco, o primeiro homem, havia construído ele mesmo um barco com o qual podia navegar as águas. E é por essa razão, não é, tudo isso é bem evidente, é pelo fato de que ele próprio era o barco, o que passou a chamar o que tinha construído de “barco”. Eis porque barco se chama “barco”. (BENJAMIM, 2020: 47)

Considerações finais: ou da Psicologia-Barco

O desafio que extraímos do debate feito por Georges Canguilhem no ensaio *O que é a Psicologia?* é a (im) possibilidade de uma unificação entre psicologias que carregam diferentes ideias de homem, de formação, de cognição, desenvolvimento, saúde, socialização... O que ressoa ainda hoje são temas conjunturais que o autor e seus comentadores sublinharam, a saber, as particularidades da Psicologia como um campo epistêmico autônomo; os supostos elementos de articulação nos debates teóricos que empreende, e o esforço de análise de implicação que cada trabalho do Psicólogo se ocupará ao problematizar os efeitos ético-políticos de suas práticas (MIOTTO, 2019; CANGUILHEM, 2012; CARROY e PLAS, 2008; ALBERTI, 2004; PRADO FILHO e MARTINS, 2007; MANCEBO, 2003).

No percurso do artigo, o argumento foi reencontrar no autor uma oportunidade para uma política da lembrança, que já se sabe perene. Lembrar deste clássico é reconhecer que a lembrança é alvo das cerimônias da destruição, dos ritos modernos de ode aos fatos, aos cálculos, certezas, manuais. Lembrar um texto e o labor que imprime é ato de resistência na sociedade de consumo que subtrai, sob o efeito da educação de massa, as chances arriscar, fracassar, experimentar

projetos onde a imaginação comparece em força. O que exercitamos foram as ressonâncias imprevisíveis do evento passado, no hoje, marcado de aberturas. A diversidade de imagens que trouxeram a formação em Psicologia para a cena. A valorização dos encontros, das presenças, leituras, composições.

Este artigo foi um exercício de pensamento frente às zonas do consumo irrisório de conteúdo, do frisson do sucesso, da vida acelerada, da experiência de produção de conhecimento engalfinhada nos imbróglis do cotidiano. Dito de outra forma, foi um trabalho com os terreiros psicológicos e suas forças latentes. Continua sendo um mote estético, a estratégia clínica de visibilizar como o desejo, a realidade e o capitalismo vêm encarnando nossas práticas e tecnologias profissionais. E, neste fio, criar saídas para os autoritarismos, terrorismos, racismos, especialismos (e outros ismos) que nos rondam, desde o uso das técnicas, métodos, teorias, discursos.

Recebido em 28 de maio de 2023.

Aprovado em 27 de setembro 2023.

Referências

- ALBERTI, S. História da Psicologia no Brasil: origens nacionais. *Mnemosine*, 1 (0): 149-155, 2004.
- AGAMBEN, G. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- BENJAMIN, W. Três pequenas histórias. *Margem Esquerda*, 35: 146-148, 2020.
- BENJAMIN, W. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994a. pp. 197-221.
- BENJAMIN, W. “Experiência e pobreza”. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994b. pp. 114-119.
- BENJAMIN, W. “Sobre o conceito da história”. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994c. pp. 222-234.
- BRITO, J. M.; BARROS, M. E. B. “A desesperança?... Ou algo outro, a fresta, um nuançar”. In: BRITO, J. M.; MIZOGUCHI, D. H.; BARROS, M. E. B. (orgs.). *Políticas de Escrita em Pesquisas nas Ciências Humanas*. Niterói: Eduff, 2021. pp. 213-242.
- CANGUILHEM, G. “Psicologia”. In: *Estudos de História e de Filosofia das ciências: concernentes aos vivos e à vida*. Rio de Janeiro: Forense, 2012. pp. 401-418.

CARROY, J.; PLAS, R. Reflexões históricas sobre as Culturas da Psicologia. *Pesquisas e Práticas psicossociais*, 3 (1): 26-30, 2008.

DUNKER, C. I. L. *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Zagadoni, 2021.

DUNKER, C. I. L. *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015.

ERIBON, D. *Michel Foucault*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FIGUEIREDO, L.C. *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. O Anti-édipo: uma introdução à vida não fascista. *Cadernos de Subjetividade*, 1 (1): 197-200, 1996.

FREUD, S. “Recordar, repetir e perlaborar” [1914]. In: *Fundamentos da clínica psicanalítica* (Obras incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica, 2021a. pp. 151-164.

FREUD, S. “Transitoriedade” [1916]. In: *Arte, literatura e os artistas* (Obras incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica, 2021b. pp. 221-225.

FREUD, S. “O mal-estar na cultura” [1930]. In: *Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros escritos* (Obras incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica, 2021b, pp. 305-410.

FREUD, S. “Prefácio a Juventude Desorientada, de Aishhorn” [1925]. In: *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. pp. 305-310.

GAGNEBIN, J. M. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009.

GAGNEBIN, J. M. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LAGACHE, D. *A unidade da Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, S/ano.

LAROSSA, J. “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”. In: *Escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2015. pp15-34.

LÖWY, M. Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

MATOS, O. C. F. “Cerimônias da destruição”. In: *Benjaminianas: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2010. pp. 85-104.

MATOS, O. C. F. “Walter Benjamin e os usos do tempo”. In: JINKINGS, I.; PESCHANSKI, A. (orgs.). *Michael Löwy: reflexões sobre um marxista insubordinado*. São Paulo: Boitempo, 2007. pp. 77-86.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado escuro da modernidade. *Revista de Ciências Sociais*, 32 (94): 01-17, 2017.

MIOTTO, L. M. De Canguilhem a Foucault, em torno da Psicologia. *Caderno de Ética e Filosofia Política*, 2 (35): 112-142, 2019.

MANCEBO, D. Modernidade e subjetividade: breve percurso histórico. *Psicologia: ciência e profissão*, 22 (1): 100-11, 2002

PRADO FILHO, K.; MARTINS, S. A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s). *Psicologia & Sociedade*, 19 (3): 14-9. 2007.

SAFATLE, W.; JÚNIOR, N. S; DUNKER, C. (orgs.). *Neoliberalismo: como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.